

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Journal de Brasil Class.: XRR00001
 Data: 02/06/68 Pg.: 36

O RETRATO DA MISERIA



Os índios revelam na face o drama da miséria extrema e da verminose generalizada

Tocantínia é uma pequena cidade do médio-norte goiano, localizada na margem direita do Rio Tocantins, com uma população — rural e urbana — de 5 500 pessoas. Está a mil quilômetros de Goiânia, através da Belém-Brasília, e o percurso pode ser coberto em dois dias de viagem, mas uma vez por semana um avião da VASP apanha passageiros e cargas leves.

Fundada há 96 anos — antes era distrito de Pedro Afonso, paralelo 14 de latitude sul —, a cidade tem uma área de 5 mil quilômetros quadrados, toda reivindicada pelos índios e por eles classificada de patrimônio indígena.

A tribo divide-se em 10 aldeias; a mais próxima da cidade é a do Família, a 12 quilômetros, e a mais distante a de Baixa Funda, a 70 quilômetros. São ao todo 400 índios, chefiados por um cacique de 90 anos, paraplético e quase cego.

Inferno em vida

As aldeias são grupos de quatro ou cinco palhoças, algumas dotadas de paredes com armações de madeira enfileadas de barro, outras sem parede, todas cobertas com folhas de piaçava. Em cada aldeia, vivem por volta de 40 índios, geralmente 25 adultos e 15 crianças. Os adultos, homens e mulheres, plantam pequenas roças de milho, arroz, feijão e mandioca, vivendo do que lhes oferecem as pequenas colheitas e do produto de seu artesanato primitivo: rédeas de embira, arcos, flechas e tacapes.

A produção das roças mal dá para o consumo próprio. O dinheiro produzido pela venda dos objetos fabricados é usado, sempre, na compra de sal e de cachaça, mais cachaça do que sal, o que às vezes dá em grandes bebedeiras e tumultos. Não há camas nem agasalhos. Os índios dormem no chão, sobre folhagens, ou em rédeas rústicas, de fio de algodão, que vez por outra conseguem na cidade. As roupas são meras tangas ou pedaços de tecidos amarrados à cintura.

Confinados na selva xerentes só recebem do branco os vícios

Texto e fotos de Walder de Góis

Tocantínia, Médio Tocantins — Agrupados em 10 pequenas aldeias, perdidos numa área de cinco mil quilômetros quadrados e repelidos pelos civilizados à sua volta, sobrevivem aqui em condições precaríssimas 400 índios xerentes, que só esperam agora a morte. Fome, doenças, vícios e ignorância acabaram de uma vez com a antiga vitalidade dos xerentes.

Fadados ao desaparecimento completo — o número de óbitos é superior ao de nascimentos —, a tribo xerente está desmoralizada, vivendo os dramas de um estágio intermediário entre status selvagem e o civilizado, sem as vantagens de ambos e sem nenhuma vantagem, tais as pressões representadas pela agressividade dos senhores e pela intolerância das cidades.

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Journal do Brasil Class.: 01

Data: 02/06/68 Pg.: 36 (cont.)

A LIDERANÇA SENIL

Na aldeia do Funil, a primeira visitada, os índios contaram que naquele dia ainda não haviam comido nada. Era 12 horas e todos aguardavam o regresso de um grupo que procurava frutas silvestres nas proximidades para os mais famintos. A roça não oferecia nada e a pesca e a caça eram infrutíferas há mais de dois meses, em virtude das chuvas e da enchente do Rio Tocantins. A tudo isso se somava o calor e as nuvens de mosquito que, de quando em quando, invadiam as palhoças.

Fome e doença

Em Funil ou em qualquer das aldeias de Tocantínia não é fácil distinguir entre as manifestações da fome ou da doença ou quando termina uma e começa outra, assim como não é fácil distinguir, segundo aqueles fatores, a causa dos óbitos. Em 1953, quando se fundou na área o posto do extinto SPI, eram cerca de mil índios. Muitos abandonaram a tribo, procurando outras em lugares mais remotos. A maioria sucumbiu à fome e à doença.

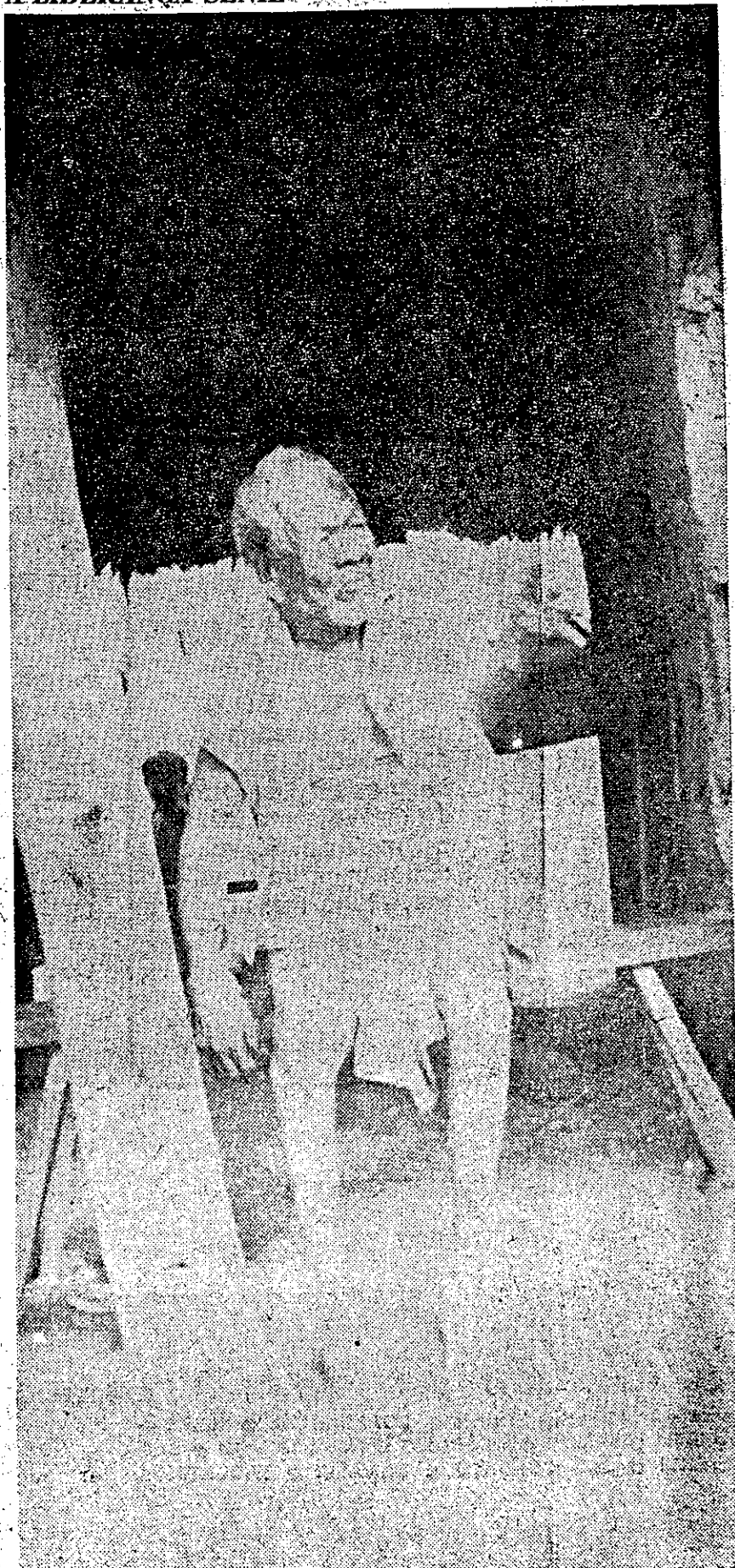
A mortalidade infantil alcança taxas superiores a 60 por cento e as doenças mais banais provocam verdadeiras dizimações. No ano passado, o sarampo vulgar matou 47 índios, morrendo ainda, de outras doenças, 25 das 50 crianças que nasceram nas aldeias. Não há nenhum tipo de assistência: o posto do extinto SPI, localizado na cidade de Miracema, do outro lado do rio, não dispõe sequer de remédios, alimentos, ou roupas. Periódicamente, os seus funcionários visitam os índios, levando-lhes algumas ferramentas e espingardas.

Sem nenhum recurso e completamente desorientados, os índios vivem ainda a era das raízes, fazendo chás para combater as suas doenças e colocando folhas verdes sobre as feridas. No Funil, o índio Luís — ou Bibi, como o chamam — está com uma ferida aberta há mais de três meses, produzida por um golpe de machado. Não usou remédio algum, apenas derramou sobre a região ferida, o pé esquerdo, meia garrafa de cachaça. O cacique da tribo, Caetano, tem perto de 90 anos e já não anda: toda a sua pele apresenta uma formação cancerosa, semelhante ao pênfigo — doença da pele — e as duas pernas sofreram um processo de afinamento. Nunca recebeu qualquer tipo de medicação.

O começo do fim

Basta uma visão rápida dos índios do Funil para se ver que entre 40 deles apenas quatro ou cinco podem ser considerados saudáveis. A palidez e o ventre volumoso são as características da maioria. O vigário da paróquia de Tocantínia, cônego Pedro Pereira Ptagem, diz serem comuns os casos de tuberculose, lepra e pênfigo. O médico Joaquim Sardinha, que tem clínica e faz política na cidade, já ouviu falar de pênfigo, mas a rigor não cadastrou nenhuma ocorrência concreta.

A seu ver, todavia, com doença de pele ou sem ela, o quadro sanitário da tribo xerente dá a impressão de que os índios estão numa subvida, porque qualquer



Um cacique paralítico, de 90 anos, comanda os destinos da tribo

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Journal de Brasil

Class.: 01

Data: 02/06/68

Pg.: 36 (cont.)

O BRASIL DE CABRAL



Ainda na era das raízes, os índios vivem em tôscas choupanas, onde nem cama existe

doença é grave e mortal quando incidente sobre populações submetidas a tais níveis de subnutrição. O seu diagnóstico das aldeias é este: poliverminose e sarampo. As crianças sofrem dispepsias agudas e em apenas dois dias percorrem todo o ritual da doença: vômitos, diarréias, desidratação, febre e morte.

Tendo em vista que entre os xerentes o número de mortes é superior ao de nascimentos e, ainda, tomando-se como base as dimensões da mortalidade infantil, numa tendência que se fortalece a cada dia, a previsão geral em Tocantnia é a de que em pouco tempo terá sido resolvido na região, pela pior fórmula, o problema indígena: a extinção completa da tribo.

A visão dos resultados

Há muitos anos em Tocantnia como missionário evangélico e pastor, Guenther Carlos Krieger promove alguma assistência aos índios e pesquisa-lhes os costumes e a língua. A visão de seu primeiro contato com eles está impressa num artigo que escreveu para uma publicação de sua Igreja. Diz o pastor:

— Estávamos na aldeia do Pimil. Ao ensejo de nossa chegada, homens e mulheres de nossa caravana reuniram-se na cabana do chefe. Crianças anêmicas e de ventre volumoso, pálidas e subnutridas, às quais competia, a um só tempo, amamentar, gerar e prover para a família a mandioca para o beiju de cada dia. Homens esqueléticos acomodavam-se pela sala para

assumar. Triste quadro este dos remanescentes dos bravos Tapuias, dos Akwes de matanças, dos guerreiros do Jacape. Deprimente atestado dos malefícios advindos de um contato não orientado com os civilizados. Estes ensinaram ao índio a falsidade, trouxeram-lhes as piores doenças; matando a caça, condenaram-no à fome; enfraquecendo-lhe o caráter, viçaram-no no fumo e no álcool.

— Agora, depois de 100 anos de contato com a civilização, eis-os aí: gemendo, sofrendo, chorando, e morrendo. Muitos queriam remédio. Terminada a nossa fala sobre o único remédio que cura a alma, Jesus Cristo, passamos a atendê-los. "Izakmo, tenha pena de mim", dizia uma índia velha. "Não tenho marido, ninguém que cace, ninguém que traga lenha e estou muito doente. Fui ao sekwa (curandeiro), tirou-me três pedrinhas brancas e disse que eu sararia se não fosse smiká (feitiço)". E sempre assim. O sekwa conhece todos os males e só ele é capaz de fazer a alma retornar ao corpo do moribundo. Como pagamento por seus serviços, não hesita em levar até a última panela da casa. Seu trabalho é sempre pago e smika é feitiço e, contra feitiço, nenhum sekwa tem poder. E a pobre gente, em sua ignorância e superstição milenar, tudo crê, tudo aceita e continua sofrendo. Porém, para libertá-los, levamos o Evangelho, a luz que dissipa as trevas, que nos libertou, trazendo-nos nova luz e firme esperança.

O impasse na terra

A base de todas as misérias indígenas de Tocantnia está na questão da propriedade da terra, da qual, e do conflito que a propósito se arrou, resultaram ainda influências negativas na estruturação econômica do município. Já em 1953, quando foi instalado o posto do ex-SPI, o litígio estava aberto entre as aldeias e os fazendeiros da região, uns e outros reivindicando o direito de uso das áreas agricultáveis.

Os índios reivindicam a posse dos 6 mil quilômetros quadrados e a expulsão sumária de todos os civilizados, alegando que estes, há 96 anos, se estabeleceram na área sem a sua permissão. Há algum tempo, o extinto SPI propôs uma ação judicial contra os fazendeiros, mas até agora não se conhece qualquer resultado. No mês passado, o Governo do Estado tentou junto à Inspeção Regional do ex-SPI uma conciliação, de acordo com a qual seriam concedidos 20 alqueires a cada família indígena — são cerca de 150 —, distribuindo-se as terras restantes, depois de devidamente demarcadas, aos seus atuais ocupantes.

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Jornal do Brasil

Class.: 01

Data: 02/06/68

Pg.: 36 (cont.)

Receptivo à proposta, no início, o SPI evoluiu na semana passada para a sua completa rejeição e o Major Jônatas, chefe da Inspeção Regional, está em Tocantínia determinando a demarcação das terras consideradas indígenas, as quais — segundo ele de acordo com o Artigo 43 do Regimento da Fundação Nacional do Índio — serão cercadas a arame farpado e protegidas contra as tentativas invasoras dos civilizados.

Sangue em 1957

A luta entre civilizados e índios pela posse das terras de Tocantínia gerou manifestações dramáticas em 1957. No mês de agosto, estalou uma divergência entre as tribos do Fumil e o fazendeiro Pedro Lôbo, que era acusado de invadir as terras indígenas e acusava os índios de dizimar o seu rebanho bovino. Ameaçado, o fazendeiro transferiu-se para o outro lado do Tocantins, mas mesmo assim foi caçado e morto, a pauladas e flexadas, por um prupo de sete silvícolas.

Com o episódio, o pânico tomou conta da população de Tocantínia. O Vigário da Paróquia, conego Pedro Pereira Piagem, foi despachado ao Rio de Janeiro com a missão de expor o problema ao Governo Federal e pedir uma solução urgente. Foi recebido pelo próprio Presidente da República, de então, o Sr. Juscelino Kubitschek, a quem, em nome da população tocantinense, foram feitas as seguintes reivindicações: a) transferência da Inspeção Regional do SPI para uma cidade da região norte; b) criação de uma polícia indígena, para ordenar as relações entre os índios e os civilizados; c) confinamento de todos os índios xerentes numa só área, a fim de que pudessem ser melhor assistidos e controlados.

O SPI, na época, estava sob a influência de uma grande divisão interna criada pelo choque de doutrinas, lutando rondonistas (favoráveis aos direitos dos índios em termos amplos) contra anti-rondonistas (favoráveis a uma política mais rígida em relação ao índio). Venhando a corrente rondonista, o SPI ficou com os xerentes na pendência de Tocantínia e de lá para cá os conflitos se sucederam, mais amenos, embora insistentes.

As aspirações atuais

O problema continua na ordem do dia em Tocantínia. O Prefeito da cidade, Sr. Antônio, Benvindo da Luz, diz que a ação indígena é o ponto de estrangulamento do processo de desenvolvimento do município, e explica que centenas de fazendeiros já se transferiram para outras regiões do norte do Estado, ficando sensivelmente reduzido o rebanho local: de 57 para cá, saíram mais de 20 mil cabeças de gado e nenhuma nova fazenda se implantou.

A qualquer pessoa da rua a quem se pedir uma receita para "o problema de Tocantínia", a resposta é pronta: dissolução de todas as tribos e localização dos índios em uma só, a de Baixa Funda,

sob controle direto do SPI. O Prefeito Benvindo diz que essa fórmula foi aplicada com êxito em relação aos craós, em Crolândia, município de Itacaja. Lá existia litígio em idênticas condições, mas em 53 instituiu-se o posto e a comunidade indígena, oferecendo-se aos 500 craós a possibilidade de instrução primária e trabalho organizado. Em todo o norte goiano, é o único exemplo de ação eficiente do extinto SEL.

Os índios, contudo, são os primeiros a rejeitar de pronto a sugestão do confinamento. O seu primeiro argumento é o de que as terras lhes pertencem. "Os incomodados que se retirem", alegam para sugerir, como o fazem sempre, a extinção da cidade de Tocantínia e a emissão de títulos de posse pelo Governo que lhes garanta a propriedade de todos os 5 mil quilômetros quadrados.

Aqui nascemos e aqui fomos amados. Aqui ficaremos o resto da vida — alegou o cacique da aldeia do Fumil, Caetano, ao lhe ser sugerida a idéia de permutar a área por outra, em comum com os demais agrupamentos xerentes. Caetano, quase 90 anos, já não se levanta, apenas se move precariamente no tamborete de madeira e couro. Explicam que os índios nunca fizeram mal aos cristãos, mas eles é que invadiram as terras indígenas e acabaram com a caça, que é o gado que Deus deixou para o índio". A alegação dos fazendeiros de que os índios dizimam os rebanhos bovinos, responde pronto:

Não é assim. Os bois deles vêm e invadem as nossas roças e então nós matamos os bois, para não invadir mais as nossas roças. E, para não desperdiçar, comemos os bois.

Nova exaltação

Na semana passada, a presença e os atos do Chefe da Inspeção Regional do ex-SPI provocaram novas exaltações em Tocantínia, por ter sido entendido que a política da Fundação Nacional do Índio reforça os erros da orientação do organismo extinto. O Major Jônatas Pereira da Costa distribuiu fartamente na cidade um aviso-advertência exigindo da população local a observância dos seguintes princípios:

- a) respeito à pessoa do índio e às instituições e comunidades tribais;
- b) garantia à posse permanente das terras habitadas pelos índios ao usufruto exclusivo dos recursos naturais e de todas as utilidades nela existentes;
- c) preservação do equilíbrio biológico e cultural do índio, no contato com a sociedade nacional;
- d) resguardo à aculturação espontânea do índio, de forma a processar-se sua evolução sócio-econômica e salvo as mudanças bruscas.

Em seguida apresentou as funções da sua Inspeção:

- a) gerir o patrimônio indígena, no sentido de sua conservação, ampliação e valorização;

b) promover levantamentos, análises, estudos e pesquisas científicas sobre o índio e os grupos sociais indígenas;

c) promover a melhoria da assistência médico-sanitária aos índios;

d) promover a educação de base apropriada ao índio visando a sua progressiva integração na sociedade nacional;

e) despertar, pelos instrumentos de divulgação, o interesse coletivo para a causa indígenista;

f) exercer o poder de polícia nas áreas reservadas e nas matérias atinentes à proteção do índio.

O aviso-advertência da Inspeção Regional da Fundação Nacional do Índio chama ainda a atenção para os dispositivos constitucionais que asseguram aos silvícolas a posse permanente das terras que habitam e informa que "dentro dos princípios enumerados ficam cientes os ditos invasores que a Fundação Nacional do Índio promoverá, em breve, a medição, demarcação e registro de propriedade de todas as terras ocupadas pelos silvícolas".

Sem solução rápida

O pastor Carlos Krieger, que tem do problema indígena uma visão ao mesmo tempo de missionário e de antropólogo, compreende, em princípio, que tanto a população civilizada quanto a população indígena têm razão nas suas alegações. A seu ver, o problema está equacionado nos seguintes termos gerais:

- 1) O índio tem um arraigado amor à terra, menos por sentimento de propriedade do que por hábito e apego naturais.
- 2) Não há, de fato, qualquer possibilidade de assistência eficaz por parte do Governo a se manter o quadro de diversificação de aldeias e de choques entre elas e a população civilizada.
- 3) Os dias indígenas, conquanto mantenham um forte sentimento de solidariedade, dificilmente se habituarão a viver em uma só área, reunidamente.
- 4) Inculto, marginalizado de todo o processo da civilização, o índio não está em condições de determinar os seus próprios rumos e compor, por força própria, um sistema de vida adequado.

Considerando tais verificações, chega o missionário à conclusão de que, no momento, a reunião arbitrária das aldeias e clãs não representa solução ideal. Sugere, então, a manutenção do statu quo, além de um trabalho, por parte do Governo, de progressiva desarticulação, através de programas educacionais, das condições que atualmente desaconselham a junção das comunidades indígenas numa só. Então, no futuro, far-se-ia a cidade dos xerentes.

Havia uma escola na aldeia do Fumil, construída em madeira e piaçava. Ela ainda está lá, abandonada, exibindo, em meio a um pequeno matagal, uma singular forma gótica na cumeira. O último comentário sobre ela foi feito pelo cacique Caetano:

— Estamos com saudades da professora branca.